



Um burro cego
carregado
de
nostalgia
de
amor
de
esperança

Um conto de João Cidade

www.ocomboio.net

Dedicatória

À Lídia minha mulher
e aos meus filhos, Diamantino José, Margarete
Cristiana e Sílvia Graciete que, seduzidos pelas Caldas de Aregos, me entusiasmaram e
apoiaram para eu escrever esta história. A minha gratidão.

À memória
do meu avô, António Resende e da minha querida e saudosa irmã, Cristina Augusta

Uma palavra de apreço
Ao senhor Presidente da Câmara Municipal de
Resende, Eng. António Borges, à senhora Vereadora da Cultura, Prof. Dulce Pereira e
 restante executivo municipal, pelas transformações que estão a operar, pela imagem que
 estão a dar e pela promoção que estão a
 fazer do concelho de Resende.
 Pelos projectos, pelas obras e pela projecção das
 Caldas de Aregos.
 Muito obrigado!

Introdução

“Um burro cego carregado de nostalgia de amor de esperança” é uma história (quase) verídica. É contada na terceira pessoa porque, sendo a história do João, acaba por ser também a história de muitos outros meninos, adolescentes e jovens, que conheceram os comboios e a linha do Douro, os comboios e outras linhas deste país pelas mesmas razões: para irem trabalhar, para irem para o seminário, para irem para a tropa e para a guerra, para emigrarem, deixando para trás o tempo (que não tiveram) de brincar, a escolaridade (tão necessária) que lhes negaram, a mocidade (que tinham direito a gozar) que lhes roubaram, a terra que os viu nascer e lhes serviu de berço e que não teve nada para lhes dar, mas da qual continuaram sempre a gostar.

É a história do João (e do Joaquim e da Ana e do José e da Maria e do Paulo e do António e do Luís Filipe e do Fernando e do Carlos e do Toninho João e da Fátima e de quantos outros...) da pequena aldeia (das pequenas aldeias alcandoradas nas serras do Montemuro), que teve que “esquecer” o beijo terno da mãe, o castigo sempre incompreendido mas carregado de amor, do pai, as palavras doces dos avós, os “mimos” dos irmãos mais velhos ou a carícia ternurenta dos mais novos, a irmã doente, que levou atravessada no peito! Todos eles saíram para se fazer à vida, para procurar um futuro melhor na cidade, para seguir uma vocação (que na maior parte das vezes não existia) no seminário, para ir para uma guerra que nunca lhe explicaram, num ultramar longínquo que, apesar dos sacrifícios daqueles que ficaram com marcas irreparáveis ou deram mesmo a vida (supostamente pela pátria), continuou a ser dizimado.

Caldas de Aregos foi o cenário e o palco desta história, de muitas

histórias semelhantes.

Os barcos rabelos ao passarem rio abaixo, deleitaram-se com a sua formosura e perfumaram-na com o néctar do Douro, as suas águas sulfúreas aqueceram-lhe o coração, as suas faces coradas pelo seu clima seco, salubre e temperado, as suas vestes verdes adornadas com o colorido dos seus pomares, tornaram-na sedutora, o comboio e a barca “ofereceram-lhe” o progresso e tornaram-na uma paixão, e foram muitos aqueles que, de aquém e de além fronteiras, se deixaram seduzir e apaixonar por ela.

O Douro, que lhe lavava e beijava, diariamente, os pés, como que por ciúmes, tentou destruí-la.

Mas Deus não quis! Os homens e mulheres de bem, que se recusaram a deixar de sonhar com a sua prosperidade, deitaram mãos à obra e Aregos está a renascer das cinzas.

E o senhor João vai acompanhando, desde a Cidade que o acolheu, o concretizar desses sonhos e projectos e está feliz. Já vê uma nova barca a atravessar o rio, agora manso e simpático, e todos os comboios (incluindo os rápidos) a parar na velha estação para contemplar a “Sedutora do Douro”. Sim, porque nesta nova caminhada de progresso, a barca e o comboio também têm que participar...

É o sonho renovado que está a tornar-se realidade. Até o “número dois” e o “almocreve de S. Cipriano”, lá no lugar, que o Criador lhes reservou no Céu, contemplam com alegria esta nova maravilha.

O autor

O comboio e as Caldas

O João fez a sua primeira viagem de comboio já tinha 14 anos, mas desde pequenino que, na sua aldeia de S. Cipriano, o ouvia apitar e ouvia falar muito dele.

Quando o inconfundível silvo⁽¹⁾ da locomotiva a vapor e, mais tarde, o som da buzina das potentes máquinas a diesel, ecoava no frondoso e paradisíaco vale do Cabrum, levado pela brisa prenunciadora duma mudança do tempo, fazendo-se ouvir por toda a aldeia e até pelas aldeias mais serranas, logo o Joãozinho ouvia, também, as pessoas mais velhas dizerem:

– Bai tchover, oube-se muito o comboio!...

A estação mais próxima de S. Cipriano e das freguesias vizinhas era a de Aregos, que até ao início dos anos setenta era uma das mais importantes da linha férrea do Douro.

Aquela estação ferroviária, embora situada em terras de Baião, tomou o nome de Aregos porque a localidade mais importante nas imediações era, sem dúvida alguma, a das Caldas de Aregos. A sua fama é anterior à fundação de Portugal e a comprová-lo está o facto de a Rainha D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, ter instituído ali uma Albergaria (hospital para lázaros e gafos)⁽²⁾.

Era àquela estação que os pais do João mandavam despachar as “novidades” que a terra produzia, para o patrão, que vivia no Porto.

– Teimos que mandar as traintchudas ó patrão – dizia a mãe do João para o marido, quando se aproximava o Natal.

– A rapariga bai a Aregos amanhã. Bai ter c’o número dois e ele faz-lhe o despacho – respondia o pai do João, que de imediato comunicava à Maria Cândida a tarefa que teria que executar no dia seguinte:

– Ó Maria Cândida, amanhã bais a Aregos despachar as traintchudas p’ró patrão. Bais ter c’o “número dois” qu’ele fas-te o despacho.

No dia seguinte, o “tio”⁽³⁾ Felisberto levantava-se, bem cedo, ia ao “talho”⁽⁴⁾ das tronchudas, cortava as melhores, colocava-as dentro de um

saco de serapilheira a que prendia uma etiqueta com o endereço do destinatário e do expedidor e a jovem lá ia à estação de Aregos fazer o despacho. Nunca ia sozinha, eram várias as pessoas que faziam o mesmo e iam juntas.

(1) Apito do combóio produzido pelas máquinas a vapor.

(2) Hospital para tratamento de leprosos (lázaros) e doentes com gafeira (gafos), doença também conhecida por sarna ou bexigas. As “águas cálidas” de Aregos, que brotam no sopé do monte Gerôncio, “são empregadas principalmente na cura de dermatoses tórpidas e reumatismos crónicos”, mas também tratam doenças tão diversas como a artrite, a ciática ou a ronquite e a amigdalite. A sua fama vem da Idade Média.

(3) O mesmo que senhor(a).

(4) Área de terreno onde se cultivam os leguminosos.

O medo do “burro cego”

De tanto ouvir falar naquela estação, apesar de só ter seis anitos, ainda não andava na escola, o João tinha já uma ansiedade enorme de conhecer as Caldas de Aregos, de andar na barca e de ver de perto como era, realmente, um comboio.

Já o tinha visto de longe, numa altura em que foi a Resende, a pé, com os pais. Foi das encostas de S. Romão de Aregos, a descer para a vila, que o viu pela primeira vez, lá ao longe, além Douro, fumegante, na sua marcha negra e vagarosa, em direcção a Barca de Alva.

– Ó pai, o quê aquilo a fazer tanto fumo? – perguntou, com espanto, o Joãozinho.

– É o comboio – respondeu-lhe o pai.

– É um burro cego – acrescentou a mãe que continuou:

– A avó Pereira dizia que cando se bisse um burro cego a subir pelo Doiro acima, estába próxima a fim do mundo!...

A avó Pereira era a bisavó do João e como, naquele tempo, a sabedoria dos “velhinhos” era levada muito a sério, o pequenito ficou muito assustado, tanto mais que, ao serão, ouvia contar as mais assustadoras visões do juízo final, que o povo chegava a associar a alguns fenómenos naturais.

– Num é nada! – sossegou o pai – é um comboio, é o que leva as traintchudas para o senhor Portela e tamém leba muita geinte. Cando eu andaba na música e íamos p’ras festas p’ró Alto Doiro, íamos nele até à Régua, ou até aonde fosse mais perto. A geinte das rogas⁽⁵⁾ tamém vai nele até onde for mais perto das quintas p’ra onde bai vendimar. Antigamente dezio isso porque tinha medo, mas agora já toda a geinte sabe que o comboio é uma coisa muito boa.

– Calquer dia bais c’o a tia Cândida a Aregos e bês lá o comboio, mas tens qu’atravessar o rio Doiro na barca das Caldas!... – acrescentou a mãe.

– Aregos... comboio... rio Doiro... barca... Caldas..., deve ser muito bonito!... – cogitava o Joãozinho que nunca mais deixou de pensar na

promessa que a mãe lhe fizera.

Quando chegou o dia de despachar as saborosas tronchudas para o senhor Portela, homem de forte personalidade, residente lá para os lados de Aldoar, na cidade do Porto, proprietário da “Quinta das Brechas”, a “tia” Maria não se esqueceu da promessa que fez ao filho e o João lá acompanhou a tia. Nem o facto de ter que ir de S. Cipriano a Aregos, uma distância considerável, e regressar a pé, fez desanimar o pequenito, que não via chegar a hora da partida.

(5) Grupos de pessoas contratadas para a prestação de trabalho sazonal, neste caso, para as vindimas.

O número dois

- Ó Maria Cândida, amanhã bais a Aregos, o moço bai contigo. Bai debagar qu'ele inda é muito piqueno e é capaz de num agueintar – anunciava a “tia” Maria, que acrescentava:

– Ele já foi a Reseinde, mas...

Quando ouviu a mãe dizer isto, o João nem cabia nele de contente e respondeu de imediato:

– Eu agueinto, já sou um home!

Aquele dia foi inesquecível. Durante todo o caminho não parou de falar, de fazer perguntas à tia, tal era a ansiedade de conhecer Aregos e de saber como era um comboio e a linha.

No regresso, era tal a alegria que não se lhe reconhecia qualquer sinal de cansaço! Aregos e o comboio tinham-se tornado para ele numa paixão.

Ironia do destino, o comboio marcou, definitivamente, a vida do João no início da década de setenta do século passado quando, tal como muitos outros meninos, adolescentes e jovens, teve que abandonar a sua aldeia-natal para ir à procura de um futuro melhor. A Linha do Douro passou a fazer parte da sua vida e mesmo sem nunca ter apanhado o comboio na estação de Aregos, foi dela que guardou as melhores recordações – dela, da barca, do celeiro, do “Moreira” das Caldas...

Para além de estância termal, com uma indústria hoteleira próspera e uma certa urbanidade, onde não faltava o salão de festas, sala de jogos e bilhares, a localidade das Caldas de Aregos era também, naquela época, um “grande” centro comercial.

Ali foi construído o celeiro agrícola⁽⁶⁾. Dali eram escoados os produtos agrícolas que, depois de atravessarem o rio na “barca das Caldas”, chegavam à estação de Aregos e o “número dois” encarregava-se de os despachar para o Porto, para Lisboa e para as cidades e vilas limítrofes destes dois grandes centros urbanos.

O “número dois”, era um antigo funcionário da CP que por ali andava com um boné igual ao do Chefe da Estação onde sobressaía o número que lhe dava o nome, sempre pronto a ajudar todos as pessoas

que apanhavam o comboio ou faziam despachos, particularmente aqueles que não sabiam ler nem escrever.

(6) Por oportuníssima iniciativa da Câmara Municipal de Resende, foi transformado num excepcional espaço cultural recentemente inaugurado.

A primeira viagem e as memórias de João

O João tinha partido uns meses antes para a cidade, já o “tio” Resende estava bastante doente. Antes de partir, foi dar-lhe um abraço e dizer-lhe que gostava muito dele e que nunca o iria esquecer.

O João, para se fazer à vida, percorreu praticamente o mesmo caminho que o simpático “almocreve de S. Cipriano” percorrera tantas e tantas vezes... Só não apanhou o comboio em Aregos porque o rio, que parecia querer apropriar-se de tudo, lhe meteu medo.

Foi para Mosteirô. Talvez tenha sido melhor assim, para não aumentar, ainda mais, o sofrimento provocado pela partida.

O rapazinho ia atento às paragens que o velho e fumegante comboio, de bancos de madeira, fazia. A Pala foi a primeira, depois o Juncal e a seguir o Marco de Canavezes onde pôde ver a fábrica de moagem. Depois veio a Livração.

“Aqui era aonde o “tio” Reseinde mudaba de comboio p’ra ir p’Amarante. É a linha estreita. Bai muita geinte de S. Cipriano às festas de S. Gonçalo, que tamém muda nesta estação, é por isso que oubes alguns, quando entro na camionete, a dezer “bota p’Amarante!” – disse-lhe o pai que o acompanhou até à sua nova residência, em Vila Nova, no Baixo Minho, próximo da casa onde viveu um dos maiores escritores de novelas de todos os tempos, Camilo Castelo Branco.

Um dia, depois de uma visita aos pais, o João fez, por coincidência, a viagem de regresso a Vila Nova por altura das festas de S. Gonçalo. Quando chegou à estação da Livração, lá estava o comboio da via estreita à espera dos romeiros que, felizes, cantarolavam:

“S. Gonçalo d’Amarante / casameinteiro das velhas, / porque num casais as nobas? / Que mal vos fizeram elas?”

Outra das memórias que João guardou foi a das rogas para o Douro. Todos os anos, por altura das vindimas, grupos de pessoas dirigiam-se para a estação de Aregos, ou para Mirão, onde apanhavam o comboio que os levava até ao Alto Douro. Com a alegria estampada no rosto, apesar da dureza do trabalho, lá iam cantarolando:

“Fui ó Doiro à vendima / Num achei que vendimar; / vendimaram’as costelas, / olha o qu’eu lá fui ganhar!”

“Preguntais-me donde sou, / Minha terra num se nega, / Minha casa é em Nogueira, / Moro ó pé da capela.

As viagens que mais marcaram o João, para além da sua, foram as de outras crianças e adolescentes, dos seus companheiros de escola que, mal concluíam a quarta classe, abalavam para o Porto, para Lisboa ou outras cidades do litoral para trabalharem, quase sempre, em trabalhos bem duros. Apesar disso, iam contentes porque “já eram uns homens”. As meninas iam, quase sempre, para criadas de servir... e também iam felizes porque “já eram umas mulheres”. Antes da idade escolar, muitos deles já vigiavam o gado nos campos, ou mesmo nos montes; outros, tomavam conta dos irmãos mais novos; enquanto os pais trabalhavam nos campos. Quando já estavam na escola, a responsabilidade aumentava e os “deveres”⁽¹⁰⁾ eram feitos, quase sempre, à luz da candeia de petróleo ou de azeite. O tempo de brincar ficava, definitivamente, para trás.

Alguns, nem sequer tiveram tempo para frequentar a escola. Esse direito foi-lhes negado.

Ainda bem mais triste era a partida dos mancebos para a tropa. Eles sabiam que não ir para o ultramar⁽¹¹⁾ era como sair-lhes a sorte grande, mas como isso raramente acontecia e era “um dever patriótico servir a pátria”, cedo se convenciam que não podiam fugir a essa realidade. O dia da partida chegava com muito sofrimento e dor! Até a marcha do comboio da Linha do Douro era mais lenta e triste, parecendo prenunciar o pior. Para trás ficava também a mocidade que lhes roubaram.

No regresso lá estava, mais uma vez, o comboio da Linha do Douro: feliz com a alegria do reencontro, ou triste com a dor duma perda, irreparável, numa guerra que nunca ninguém explicou - se é que a guerra tem explicação - e da qual se desconhecem os benefícios...

O comboio transportou, ainda, outros homens e mulheres que emigraram para países distantes à procura da sorte que, por vezes, não lhes sorriu. A uns, trouxe-os de volta; dos outros, sente saudades.

(10) Trabalhos de casa.

(11) Antigas colónias portuguesas.



O "Tio Resende" (Foto de família)

O perfume da esperança

Um dia, a Primavera despontou mais verde e colorida. Era Abril. O vermelho dos cravos era mais vivo e havia no ar um perfume de Liberdade. Deixou de ser proibido sonhar. Os meninos e meninas de S. Cipriano e de toda a Terra de Aregos, de Resende e S. Martinho de Mouros, começaram a sonhar com uma vida melhor na sua própria terra.

Os camuflados dos militares, deixaram de “camuflar” o sofrimento e em vez de rostos de dor passaram a ver-se rostos de amor.

E até o pregão das vendedeiras da “regueifa de Valongo”, tinha mais sonoridade:

- Olha a regueifa de Valongo! Regueifinha de Valongo! Quer grande ou pequena, freguês?! – apregoavam as de Valongo.

- Quem compra a regueifa? Quem compra a regueifa? Olhe que linda, freguês! Quem compra em Ermesinde, volta a comprar outra vez!... Grande ou pequena, freguês?! – cantavam as de Ermesinde.

Quem ia ao Porto, apesar das dificuldades económicas, estava proibido de regressar sem este típico pão de Valongo, que não se fabricava em qualquer outro lugar.

Em Penafiel, para apagar a sede nos dias quentes de Verão, era célebre a “bilha e água, cinco coroas”. Um escudo (ou dez tostões, como era mais frequente dizer-se) era quanto custava uma bilha de barro com água apanhada na torneira do fontanário da velha estação, mas que a sede recomendava.

O João, que sempre gostou muito de música e tantas vezes ouviu cantar que “quem parte leva saudades e quem fica saudades tem”, habituou-se a ver a Linha do Douro como um meio de atenuar saudades e de irmanar pessoas. Por isso, resolveu acrescentar que “o comboio mata saudades e leva abraços também”.



“Estação de Vallongo” (1875?) - Fotografia de Emílio Biel

Os laços que o comboio criou

O comboio do Douro era uma festa. Em Barca de Alva recebia, do “hermano” de Salamanca, um abraço que guardava no peito com muito carinho. Ao longo do 203 quilómetros que percorria, ia recolhendo notícias, novidades, desejos, desabafos, protestos, amor, muito amor e levava-os com mil cuidados. Em Barqueiros, sorria para a barca do Bernardo; em Porto de Rei, encantava-se com o palácio, enquanto recebia as novas que lhe levava a barca. Na Ermida, enquanto matava a sede⁽¹²⁾, perguntava à barca pela ponte prometida. Em Mirão, acenava a Resende e saboreava as cavacas ou as cerejas que a barca lhe oferecia; em Aregos, “perdia-se” com a beleza e a sedução das Caldas e a barca levava-lhe um beijo...

Quando chegava a Ermesinde, abraçava com ternura o “irmão” do Minho, entregava-lhe o abraço de Salamanca para levar a Vigo e dividia com ele as emoções recolhidas para as distribuir por Famalicão, Guimarães, Trofa, Braga, Barcelos, Viana do Castelo, Valença e Monção. Este encontro era sempre uma emoção.

A maior parte dessas emoções ia para o Porto, essa cidade encantadora que abraça, com tanto carinho, toda esta região do Entre Douro-e-Minho.

João deixava a sua terra-natal com um enorme aperto no coração. Os pais, a tia e, particularmente, a irmã estavam-lhe atravessados no peito! Não imaginava como era a terra que o esperava mas, depois de em Ermesinde ter entrado no comboio da Linha do Minho, pareceu-lhe que seria bem recebido, que as diferenças entre as pessoas das duas regiões não seriam muito grandes.

Quando desceu na estação de Famalicão, sentiu que Vila Nova era uma boa terra e que o iria ajudar a superar a dor da separação. E, não fossem as saudades dos pais, da tia e da sua menina, tudo teria sido fácil. Na Várzea Formosa, para onde foi morar, rapidamente fez bons amigos que o ajudaram a integrar-se na sua nova terra. Algum tempo depois, já tinha ultrapassado esses momentos mais difíceis e quando as saudades apertavam lembrava-se do comboio e programava uma visita aos familiares.

A hospitalidade da Várzea Formosa e de Vila Nova foi decisiva para que o João nunca mais desfizesse os laços que o comboios das Linhas do Douro e do Minho ajudaram a criar.

Entretanto, Barca de Alva deixou de mandar o abraço de Salamanca para Vigo. Apesar de nunca ter viajado até Barca de Alva, o João sentiu uma enorme tristeza e recusou-se a acreditar que o comboio nunca mais lá voltaria.

Do mesmo modo que acreditou no relançamento e prosperidade das Caldas de Aregos, acredita também na mesma sorte para Barca de Alva.

O sonho, sempre renovado, de voltar a ver as Caldas de Aregos a sorrir, está a tornar-se realidade. O senhor João vai acompanhando, desde a Cidade que o acolheu e que as renovadas vias de comunicação aproximam cada vez mais da “Terra das Cerejas”, o concretizar desses sonhos e projectos. Sente-se feliz!

Acredita que uma nova barca voltará a atravessar o rio, agora manso e simpático, e que todos os comboios (incluindo os rápidos) voltarão a parar na velha estação de Aregos para contemplarem a, cada vez mais, “Sedutora do Douro”. O senhor João acha que esta nova caminhada de progresso sem a barca e sem o comboio ficaria incompleta.

E acredita ainda que até o “número dois” e o “almocreve de S. Cipriano”, lá no lugar que o Criador lhes reservou no Céu, contemplarão com alegria esta nova maravilha.

A mudança do tempo anunciada pelo eco do silvo da locomotiva negra e fumegante era, afinal, um sinal de esperança e o “burro cego” não foi, nem nunca será, um sinal do fim, mas a visão de um novo ciclo de prosperidade e progresso na vida das gentes e das terras durienses.

(12) Reabastecimento de água que a máquina a vapor necessitava de fazer, sendo a Ermida uma das estações onde se fazia sempre esse reabastecimento.

Este documento foi elaborado a propósito da 11ª exposição fotográfica “O Comboio em Portugal”, da autoria de Dario Silva, que decorreu em Resende de 17 de Setembro a 02 de Outubro de 2005 na Casa do Turismo, a convite daquela autarquia.; este documento foi publicado online aquando da inauguração da mesma exposição.

Bibliografia consultada:

PINTO, Joaquim Caetano; Resende – Monografia do seu concelho; Braga – 1982

PEREIRA, Vergilio; Cancioneiro de Resende; Porto – 1957

**Copydesk
José Ferreira**

**Paginação:
Dario Silva**